

CIDADE

DF - Ceilândia

Ceilândia, uma típica cidade do Nordeste

Buchada de cabrito, cantoria e muita luta na segunda maior colônia nordestina do país

Orlando Pontes

Está no Distrito Federal a segunda maior cidade nordestina fora do Nordeste. A afirmação pode ser exagerada, mas quem garante sabe o que diz.

“Cerca de 80% dos moradores de Ceilândia são nordestinos ou descendentes”, assegura o presidente da Sociedade Nordestina de Brasília, Sandoval Manoel de Oliveira, lembrando que a satélite perde apenas para São Paulo.

Ele revela a estimativa “sem medo de errar”, mas, no entanto, não dispõe de qualquer dado técnico para sustentar a afirmação.

Pernambucano da periferia de Recife, Sandoval mora em Ceilândia há 21 anos. “Sinto como se estivesse em minha terra natal”, garante ele, que compare a feira permanente da cidade à tradicional Feira de Caruaru, no interior de seu Estado.

Sopa — Ex-motorista da Fundação Hospitalar, Sandoval, que é conterrâneo do governador eleito Cristovam Buarque, abandonou o emprego há quatro anos para cuidar da Sociedade Nordestina, fundada há quatro anos.

“Temos 9.432 sócios que nos ajudam como podem em nossos projetos filantrópicos”, conta.

A principal iniciativa é a distribuição semanal de 200 pratos de sopa a carentes do Setor QNQ, da Expansão do Setor O e do Condomínio Privê (Vila Lucena Roriz).

Para isso, conta com a ajuda de empresas de nordestinos instalados em Ceilândia.

Há 21 anos Sandoval atua como Papai Noel no DF. “Desço de helicóptero em todas as cidades e faço a alegria da criançada”, conta ele, que sonha ganhar um terreno do governador eleito.

O terreno serviria para construir uma escola profissionalizante entre Ceilândia e Brazlândia para os filhos dos nordestinos.

Prato do dia: bucho e mocotó

Nordestino que se preza não dispensa uma boa buchada de cabrito ou uma *pratada* de mocotó ou de sarapatel. Comida *light* é carne-de-sol com mandioca.

O baiano Carlos Vitor dos Santos, 35 anos, serve centenas de pratos nos fins de semana para a clientela que procura sua barraca na feira permanente de Ceilândia.

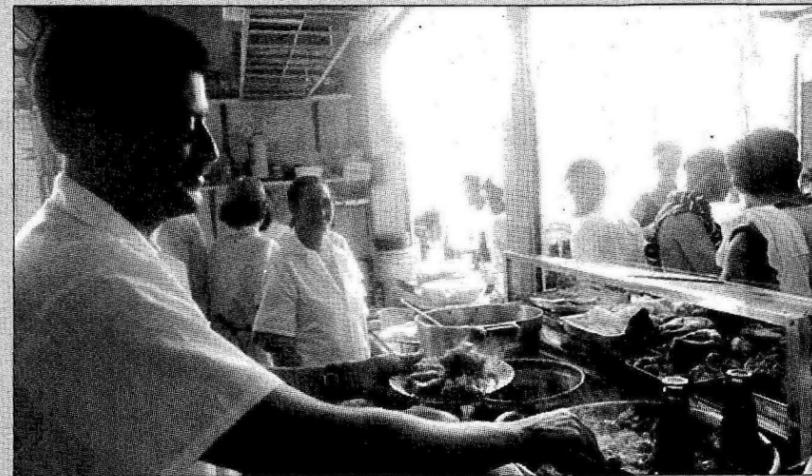
A comida é preparada por sua mãe, Nair, 52 anos. “Ela tem uma mão ótima para temperar”, elogia João Ribeiro, um piauiense que está sempre na feira.

Carlos Vitor concorda e ainda destaca os preços, que considera baixos: R\$ 3,50 o mocotó; R\$ 4,00 a feijoada; R\$ 5,00 a buchada de cabrito, R\$ 3,50 o sarapatel e R\$ 6,00 a carne-de-sol.

Já o cearense Geraldo Clementino Bezerra, 41 anos, há dois vende *churrasquinho de gato*, que prepara numa churrasqueira portátil.

A VIDA FORA DA TERRINHA

Fotos: Adauto Cruz



O mocotó da barraca do baiano Carlos Roberto dos Santos (alto) é uma das atrações da feira permanente. Adepto das especiarias nordestinas, o deputado Chico Vigilante frequenta, ao lado da mulher e dos dois filhos, o restaurante Chapéu de Couro. Já o Maestro Joãozinho (à direita), como é conhecido, toca teclados e vende fitas cassete na calçada da feira.



Cantadores têm seu espaço

A Casa do Cantador é um espaço genuinamente nordestino encaixado entre a Guariboba e o Setor P-Sul da Ceilândia. Suas festas são concorridas e chegam a reunir platéias de mais de mil pessoas, segundo o presidente, Gonçalo Gonçalves Bezerra.

“A colônia nordestina prestigia todos os nossos eventos”, comemora ele, que não abre mão de vender, durante as festas, comidas típicas da região. “Um desafio de viola regado à cachaça de alambique e um bom sarapatel é o manjar dos deuses”, brinca.

Gonçalo conta que a Casa do Cantador — um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer — foi inaugurada em 1986 pelos então presidente José Sarney e governador José Aparecido de Oliveira.

Festa — “Fizemos uma festa inesquecível, reunindo centenas de cordelistas que vieram de todos os lugares”, recorda, emocionado.

A Casa do Cantador de Ceilândia é o abrigo dos cordelistas moradores de ou-

tros estados que estão de passagem pelo DF. “Às vezes chegam a dormir mais de 30 pessoas nesses alojamentos”, diz José Vieira Filho, o Zé Ferreira, 56 anos, hóspede da Casa.

Cearense de Orós, Zé Ferreira “abraçou a viola” há 37 anos e nunca mais largou. “A poesia está no sangue da gente. Não dá para viver sem ela”, garante.

Com nove discos gravados e muita estrada percorrida “do Oiapoque ao Chuí”, Zé Ferreira costuma se apresentar em escolas junto com outros cantadores.

Cachê — “Não podemos deixar a cantoria morrer”, acredita ele, que cobra um cachê de R\$ 250 para um desafio de duas horas em lanchonetes, restaurantes ou casas noturnas.

Tocando sua viola ele faz apologia ao colega Antônio Porfírio, que esculpiu a Estátua do Cantador Anônimo, em frente à Casa do Cantador. “É como diz o Porfírio: aqui é o Palácio da Poesia do Brasil.”

Vigilante é um bairrista

Francisco Domingos dos Santos é o nome de batismo do deputado federal Chico Vigilante (PT-DF), 40 anos, maranhense de Vitorino Freire, a 360 quilômetros da capital São Luís.

Ele chegou ao DF em 1977 e foi direto morar em Ceilândia, na QNM 21. Um ano depois se mudou para outro barraco, um minúsculo cômodo de fundo de quintal que dividia com três colegas — um gari, um cobrador de ônibus e um ajudante de pedreiro.

“Foram dias difíceis”, recorda o deputado, que tinha dois empregos de vigilante noturno — daí seu apelido —, ganhando pouco mais de um salário mínimo em cada.

Família — Em 1979, Vigilante voltou a Vitorino Freire, onde conheceu a conterrânea Lindalva Moraes, com quem namorou e casou em apenas 15 dias. O casal tem dois filhos — Flávio, 12 anos, e Leila, 8 —, ambos nascidos no Hospital Regional de Ceilândia.

Vigilante recorda do medo que sentia

quando andava a pé pelas ruas escuras da satélite. Mesmo assim, jamais pensou em se mudar da cidade, onde comprou a casa própria com o dinheiro mingauado que recebia e a ajuda de Lindalva, que vendia bijuterias e roupas na feira.

“Sou apaixonado por Ceilândia e não pretendo sair daqui para lugar nenhum. Quero ficar ao lado dos moradores e ajudá-los a obter melhorias para a cidade”, garante.

Os dois filhos estudam na Escola Classe 43 do P-Sul. Em 1995, Flávio vai cursar a 6ª série e Leila, a 3ª.

Estudos — “Precisamos valorizar os serviços públicos e uma escola de boa qualidade é fundamental”, insiste o parlamentar, que não teve chance de concluir o primeiro grau, mas se considera um autodidata. Sua leitura predileta é a Bíblia.

Sempre que pode, Vigilante almoça no restaurante Chapéu de Couro, no centro da cidade. “É a melhor carne-de-sol do Brasil”, exagera.

Sobreviver exige ter criatividade

Na luta pela sobrevivência, os nordestinos esbanjam criatividade. Muitos chegam a inventar a própria profissão.

João Batista de Oliveira, conhecido na cidade como maestro Joãozinho, todos os domingos monta uma sofisticada aparelhagem de som ao lado da feira permanente.

Exímio tecladista, ele executa as músicas pedidas pela platéia que se forma ao seu redor. Com a ajuda do secretário Vilmar, grava tudo em fitas cassete que são vendidas por R\$ 3,00.

“Faço questão que as pessoas peçam o que desejam ouvir. Assim ninguém pensa que estou fazendo dublagem”, explica o maestro, que passou a tocar profissionalmente no início deste ano. Antes, era motorista de ônibus e vendedor de carros usados.

Acordeon — “Certamente ganho mais do que um motorista de ônibus”, compara ele, que aprendeu a manusear um acordeon com apenas seis anos, na pequena cidade de La Mamanguape, na Paraíba.

“Hoje toco para gente importante em coquetéis e festas no Park Way e no Lago Sul”, orgulha-se Joãozinho, vestindo uma camisa colorida e calça de linho branco e ostentando um telefone celular na cintura.

Na popular Feira do Rolo — onde se vende basicamente produtos usados — em Ceilândia Norte, Moacir Gomes da Silva, 61 anos, cearense de Jaguaruana, que chegou a Brasília em 1958, sobrevive vendendo roupas usadas.

“Vou a São Paulo fazer compras uma vez por mês”, conta Moacir, exibindo peças de marcas famosas a preços baixos.

Terno — Um terno Via Veneto ou Valentino Uomo custa R\$ 60,00, enquanto gravatas Pierre Cardin e Cartier valem apenas R\$ 3,00. Já o preço de calças e camisas variam de R\$ 12 a R\$ 15.

Próximo à banca de Moacir, o paraibano de Serra Grande, Heleno Salviano da Silva, 37 anos, expõe uma pilha de pneus recauchutados. Ele compra os pneus velhos por R\$ 5,00 e, depois de recuperá-los, negocia por R\$ 12,00 ou até R\$ 15,00.

“Durante a semana trabalho em minha borracharia e aos domingos venho para a feira. Aqui é um bom ponto de venda”, diz Heleno, que chegou à Ceilândia em 1976, se casou com uma conterrânea e tem dois filhos nascidos na cidade.